

**ASPECTO VERBAL NO HEBRAICO BÍBLICO:
PROPOSTA COGNITIVO-FUNCIONAL DO QĀTAL**

**Verbal aspect in biblical Hebrew:
cognitive-functional proposal of *qātal***

Fernando Henrique Pereira da Silva*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3505182103794695>

RESUMO: Aspecto verbal é uma categoria gramatical bastante disputada nos estudos linguísticos em geral. O mesmo também no que concerne aos estudos linguísticos bíblicos. Neste capítulo pretendo apresentar uma abordagem cognitivo-funcional sobre o aspecto qātal, que costuma ser usado como pretérito, perfeito, anterioridade e contrafactualidade. Uma abordagem cognitivo-funcional, por um lado, busca descrever os vários usos de uma forma linguística; por outro lado, procura estabelecer a relação entre esses vários usos. Argumento neste artigo que a metáfora da distância temporal é a generalização que explica os vários usos do aspecto qātal no hebraico bíblico.

Palavras-chave: Aspecto verbal; qātal, metáfora temporal; distanciamento; abordagem cognitivo-funcional.

ABSTRACT: Verb aspect is a hotly contested grammatical category in linguistic studies in general. The same also as far as biblical linguistic studies are concerned. In this paper I intend to present a cognitive-functional approach on qātal aspect, which is usually used as preterite, perfect, anteriority and counterfactual. A cognitive-functional approach, on the one hand, seeks to describe the various uses of a linguistic form; on the other hand, it seeks to establish the relationship between these various uses. I argue in this paper that the metaphor of temporal distance is the generalization that explains the various uses of qātal aspect in Biblical Hebrew.

Keywords: Verbal aspect; qātal, temporal metaphor; distancing; cognitive-functional approach.

* Professor de Linguística e Língua portuguesa na Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestre em Estudos da Tradução e doutorando em Literatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: fhenrique.net@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O professor Mark Willson era um amante do estudo da gramática hebraica. Não por coincidência ele é reconhecido por outros grandes gramáticos Bruce Waltker e Michael O'Connor em *Introdução à sintaxe do hebraico bíblico* quando o professor Mark fez algumas retificações nesta gramática. Em sua homenagem, este artigo intenciona descrever uma área tão disputada no estudo linguístico do hebraico: o aspecto verbal.

É geralmente assumido nas gramáticas de hebraico bíblico que o qātal é usado para fazer referência a tempo passado (MERWE ET AL, 2017; JOÛON E MURAOKA, 2006). Conforme (JOOSTEN, 2012), o qātal é usado principalmente, no discurso, para representar ações como que ocorridas antes do momento da fala: remotividade temporal. Já em narrativas, possui três usos: (1) como pretérito; (2) em orações subordinadas, apresentações que são anteriores ao tempo da linha principal da narrativa e (3) usado para adicionar um comentário sinalizando ponto de vista, assim, representando uma mudança temporal do passado ao presente (JOOSTEN, 2012). Neste capítulo pretende-se argumentar que a noção cognitiva de metáfora temporal de distanciamento encapsula aqueles usos temporais do aspecto qātal.

Neste artigo pretendemos explicar o motivo de o qātal ter as seguintes funções: (1) passado perfeito; (2) perfectivo; (3) anterioridade; (4) contrafactual e (5) pretérito, as quais são encapsuladas pela noção de distanciamento. O motivo que argumentamos é que o qātal está baseado na metáfora temporal de distanciamento. A metodologia abdutiva é uma tentativa de explicação de um fenômeno por meio de inferência. Em termos linguísticos, é uma proposta cognitivo-pragmática de acordo com Givón (1989). Assim, partimos de um processo de inferência, essa entendida como: “Um mecanismo abductivo que consiste em apresentar e anunciar a plausibilidade do conteúdo proposicional”¹. O raciocínio abductivo é entendido como a plausibilidade de uma hipótese a partir de uma premissa: “Nós definimos a plausibilidade de uma hipótese como sendo colocada pelo raciocínio abductivo (se p , então q : ou, eu constato q , então p é plausível), o que deve ser cuidadosamente distinguido de uma consequência probabilística derivada de um raciocínio dedutivo (se p , então provável (q), ou p , portanto, provável (q))”². Por uma

¹ “Un mécanisme abductif qui consiste à présenter et à énoncer la plausibilité d’un contenu propositionnel”.

² “Nous définissons la plausibilité d’une hypothèse comme étant posée par un raisonnement abductif (si p , alors q : or, je constate q , donc p est plausible); elle doit être soigneusement distinguée d’une conséquence probabilisée tirée d’un raisonnement déductif (si p , alors probable(q); or p , donc probable (q))” (GHENCTHÉVA, Z; DESCLÉS, J. Evidentiality et médiativité).

metodologia abdutiva (GIVÓN, 1989), minha hipótese é que qātal é usado como pretérito/perfeito/perfectivo por causa de uma metáfora de distância temporal. As premissas para metáfora temporal são: (1) perfeito, (2) tempo passado, (3) qātal, quando usado para indicar polidez nos tipos de texto *riyb* e *qinah*, (4) aspecto como metáfora espacial e (5) avaliação, todos esses como distanciamento, de modo que distanciamento está fundamentado em metáfora de distância temporal. Desta feita, se for possível constatar que #1, #2, #3, #4 e 5# indicam distanciamento, logo é plausível que qātal esteja fundamentado cognitivamente em uma metáfora de distância temporal.

1 - QĀTAL NO HEBRAICO BÍBLICO

Há, pelo menos, três abordagens no que concerne ao hebraico bíblico. A primeira é a que tenta explicar as formas verbais a partir da noção de tempo. Nessa proposta, *yiqṭōl* é usado como presente ou futuro; *qātal* é usado como passado segundo Merwe *et al* (2015). A segunda abordagem é a aspectual, tendo como base o desenvolvimento dos estudos sobre aspecto na língua russa. Nessa visão, *qātal* é usado para indicar aspecto perfeito, i.e, representação da perspectiva/ponto de vista do falante sobre um evento como um todo, ao passo que o *yiqṭōl* é aspecto imperfectivo, isto é, representação da perspectiva/ponto de vista não é vista como um todo de acordo com Merwe *et al* (2015). A terceira abordagem é a discursiva (textual). Ela tenta explicar o aspecto a partir da linguística de texto. Nessa abordagem, as formas aspectuais indicam atitude linguística de modo a distinguir material narrativo de material comentado como assinala Hatav (1997). Poderíamos incluir a abordagem de Longacre e Bowling (2015) nessa abordagem textual-discursiva com foco nos usos aspectuais a partir dos gêneros discursivos. Relacionado a isso, pode-se destacar que as línguas são classificadas, quanto ao seu sistema verbal, em três formas: (a) as que indicam proeminência pelo tempo; (b) as que indicam proeminência pelo modo e (c) as que indicam proeminência pelo aspecto (BHAT, 1999). No hebraico bíblico (HB), há grande controvérsia sobre o sistema verbal, se ele indica tempo ou aspecto (MERWE ET AL, 2017). Entendido como aspecto, isso significa dizer que *qātal* expressa a perspectiva do falante quanto ao evento como um todo (LANGACRE E BOWLING, 2015; MERWE ET AL, 2017). Por sua vez, o *yiqṭōl* indica aspecto imperfectivo, isto é, a ação vista em de modo incompleto (MERWE ET AL,

2017). Para Dahl (1985, p.79), a relação entre aspecto perfectivo e referência temporal passada é que o tempo passado é apenas um significado secundário dos verbos perfectivos”, o que contribui para a defesa do sistema verbal do HB ser considerado como aspectual. Não obstante, como explicar seu significado temporal como afirmado por muitos gramáticos como será visto mais adiante.

Minha hipótese é que a noção de distanciamento é semântica básica que é inerente ao aspecto se relaciona com tais formas de textos. O distanciamento, levando em conta o gênero discursivo e fatores contextuais, pode ter vários efeitos de sentido como desprezo, sarcasmo, decepção. É em Fleischman (1989) que fundamentamos a nossa proposta. Ela usa o conceito distância temporal. Aqui tencionamos apresentar as funções do qātal e como são explicadas pelas gramáticas e teóricos organizando seus usos nos termos da Linguística Sistêmico-Funcional, o que não quer dizer que os estudiosos abaixam sigam esse modelo.

1.1 - Qātal como função referencial: aspectualidade e temporalidade

O qātal diz respeito a “eventos que ocorreram *antes de um ponto* y com efeitos do que aconteceu ainda *relevantes no momento y*” (MERWE ET AL, 2017, p.157). Assim, quando usado no discurso direto, o ponto y está muitas vezes no *momento da fala*. Ao passo que em narrativa, “o ponto y está em *eventos no passado*”, o que chamam de passado perfeito (MERWE ET AL, 2017, p.157). O qātal, Merwe *et al* (2017) elencam os seguintes usos: (1) referência a eventos anteriores; (2) passado perfectivo, uma situação no passado como um todo; (3) usado na prótase para expressar eventos hipotéticos da perspectiva dos participantes; (4) estado de coisas; (5) ações performativas; (6) eventos não limitados ao tempo. Por sua vez, o perfeito/QATAL, já em narrativa, é usado como: (1) passado de maneira similar ao WAYYIQTOL; (2) em orações subordinadas para apresentar ações que são anteriores ao tempo da oração principal (mais-que-perfeito no português brasileiro) expressando anterioridade a fim de recuperar uma informação de plano de fundo e (3) usado para adicionar comentário a partir da perspectiva provocando mudança de referente temporal do passado para o presente (JOOSTEN, 2012). Segundo Joosten ainda (2012), qātal é usado em discurso direto para ações que são temporalmente remotas. O qātal pode ainda ser usado com valor avaliativo. Na função de comentário autoral, o narrado raramente se intromete na sua história. No geral, em narrativas, aprende-se sobre o que as personagens fizeram, o que se passa a conhecer a respeito delas.

Mas, o narrador fala por si, expressando julgamentos ou providenciando informação de plano de fundo (JOOSTEN, 2012).

Para Joüon e Muraoka (2006), no hebraico, as formas verbais gramaticalizam tanto tempo (presente, passado e futuro) quanto aspecto, sendo este: (1) unidade e pluralidade de ação, conforme a ação seja representada como única e solitária ou repetida; (2) instantaneidade e duração da ação, conforme a ação seja representada como sendo realizada em um instante ou por um período de tempo mais ou menos prolongado. De conformidade com Joüon e Muraoka (2006), no que concerne ao aspecto, qātal a ação é única, como ato único ou instantâneo.³

Hatav (1997) entende haver três aspectos no hebraico: (1) sequencialidade; (2) inclusão (= progressivo) e (3) perfeito (i.e, anterioridade), sendo o qātal a forma verbal para essa semântica aspectual. Assim sendo, para Hatav, o sistema verbal hebraico não indica tempo. Assim ela explica as funções “temporais” do qātal: “o aspecto perfeito é caracterizado por sua natureza ‘parasita’ em relação ao tempo R: uma cláusula perfeita não pode introduzir um novo tempo-R. Ter esta característica os resultados perfeitos para denotar diferentes tipos de relações temporais” (1997, p.163). Essa semântica do qātal explica os usos de qatal como anterioridade, simultaneidade e plano de fundo na perspectiva de Hatav (1997). A relação entre R-tempo (referência temporal) e a situação é determinada pelo aspecto, sendo R-tempo definido como “a unidade temporal responsável pela interpretação temporal da oração” (HATAV, 1997, p.5)⁴. Dito de outra forma, a referência temporal serve para situar os usos aspectuais. Desta feita, o qātal indica anterioridade quando da referência temporal da situação (ou mediante expressões dêiticas temporais). No uso do qātal como anterioridade, a situação anterior precede a referência temporal. Ademais, o qātal pode ser usado para explicar, detalhar e sumarizar situações que foram relatadas nas orações anteriores (HATAV, 1997).

1.2 Qātal como função interpessoal: usos modais

Consoante Longacre e Bowling (2017), qātal pode ser usado como uso modal de contrafactualidade e condicionalidade como pode ser visto no texto abaixo de 1 Samuel 25.34.

³As far as aspect is concerned, action is unique, as a single or instantaneous act.

⁴The time-unit responsible for the temporal interpretation of the clause.

(1)⁵ וְאוֹלָם חַי-יְהוָה אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל אֲשֶׁר מָנְעָנִי מִהַרְע אֶתְּךָ כִּי לֹא לִי לִיגִל מִהֶרֶת (וְתַבְאֲתִי) [וְתַבְאֲתִי]
 לְקִרְאָתִי כִּי אִם-נֹתֵר לְנֶגְל עַד-אֹר הַבֶּקֶר מִשְׁתִּין בְּקִיר:

De acordo com Sweetser (1996) a partir de Fillmore (1986; 1990a), o significado condicional serve à função de posicionamento epistêmico, isto é, a associação ou dissociação do falante. Por sua vez, Fleischman (1989) nos informa que formas no passado podem ser usadas como irrealis expressando remotividade temporal ou modal. Neste caso, o escritor/falante não se compromete com o que afirma. As condicionais são usadas como marcadoras de distância modal (FLEISCHMAN, 1989). Como afirma ainda Fleischman (1989), no espanhol, a contrafactualidade pode ser usada com passado indicando grau de distância projetada. Joosten também afirma o uso modal de qātal: pertencendo ao paradigma do hebraico, apresenta ações como *realis* sendo visto em declarações modais.

Como destaca Joosten, qātal é usado como *realis* geralmente, embora em alguns casos venha a ser usado como *irrealis*. Como Givón (1989) afirma aspecto perfeito/pretérito é usado, como evidencialidade, para indicar afirmação assertada ainda que esteja aberta para ser questionada. Mas como aponta acima, Joosten (2012) considera que são fatores pragmático-contextuais que influenciam no significado modal de qātal. Ademais, ele menciona Fleischman (1989) a respeito de formas no perfeito ou passado serem usadas como modalidade.

Uma outra função do qātal relacionado à *irrealis*-modalidade é seu uso avaliativo. Na narração ou descrição de algum evento não somente procura-se representar (função ideacional) o que aconteceu. O escritor/falante não é neutro. Ele exprime algum posicionamento quer demonstrando engajamento quer demonstrando desengajamento ou descomprometimento. Isso pode ser realizados por vários itens linguísticos. Observa-se bem esse uso do qātal como se nota no excerto abaixo:

Na narrativa hebraica clássica, o narrador raramente invade sua história. Ele praticamente nunca usa a primeira pessoa. Na oposição entre mostrar e contar, a opção é claramente a favor da primeira: aprendemos o que os personagens fizeram, e ouvimos o que eles disseram, mas normalmente nem suas ações nem suas palavras são julgado abertamente. No entanto, o narrador ocasionalmente fala em seu próprio nome, expressando juízos de valor ou fornecendo informações básicas à história (JOOSTEN, 2012, p.221).

⁵(1) Doutra sorte, tão certo como vive o SENHOR Deus de Israel que me impediu de fazer mal a ti, que, se tu não te apressaras a vir para clamar a mim, não teria ficado Nabal até a luz da manhã (minha tradução).

É possível constatar isso em outras línguas. No grego clássico, a mudança de forma aspectual, por exemplo, sinaliza a mudança de perspectiva. Analisando os textos literários gregos sob o viés da linguística, Bakker (1997) observa que a mudança de aoristo para imperfeito em Tucídides tem função específica. Isso com base no fato que “falantes expressam suas opiniões e crenças sobre proposições e sentenças (BAKKER, 1997, p.17). Dito de outra forma, em um texto não somente o significado ideacional (referencial) se expressa, i.e, a verdade ou não de uma proposição. Antes, há também um agir no texto e pelo texto da parte de quem fala/escreve a fim de influenciar seu interlocutor.

1.3 Qātal como função textual: organização do discurso

De acordo com Longacre e Bowling (2015), qātal é usado basicamente como perfeito. A esse respeito, eles declaram: “Visto que a maioria das coisas que acontecem no passado pode ser considerada completa e perfectiva do ponto de vista do falante, os equivalentes de tradução do qtl variam do passado simples, ao perfeito e ao presente perfeito” (LONGACRE E BOWLING, 2015, p.19)⁶. Claramente esses autores associam qātal com tempo no pretérito considerando do ponto de vista da semântica aspectual e suas possíveis traduções. Não obstante, é de questionar o motivo dessa forma aspectual ser entendida como forma pretérita. No discurso de lamento, a ruína ou desastre são apresentadas como *fait accompli*. Todavia, o ponto de relevância não é tanto se o desastre já chegou a ocorrer (LONGACRE E BOLWING, 2015). A questão é que, como aspecto perfectivo, algo é visto como certo ou realizado, segundo afirmam Longacre e Bowling (2015). Ademais, para Longacre e Bowling (2015), qātal é usado também para indicar futuro e usos modais como contrafactualidade. Qātal pode ser usado também no início ou conclusão de um discurso preditivo informal. Porém, seu uso mais comum é nos tipos de discurso chamados de acusação (*riyb*) e lamento (*qinah*). Ambos os tipos de discurso usam o qātal para formar a estrutura textual. Em suma, para eles (LONGACRE E BOLWING, 2015), qātal é aspecto perfectivo como defendido pela visão tradicional, tendo em vista que as formas verbais servem para caracterizar os gêneros do discurso.

⁶ “Since most happening in past time can be considered to be accomplished and perfective from the perspective of the speaker, qtl translation equivalents range from simple past, to plusperfect, to present perfect”.

Tudo o que foi expresso acima mostra como o aspecto qātal pode ser usado de várias formas em um texto, o que torna ainda mais complexa a tentativa de descrever sua semântica. Na próxima seção, a partir dos fundamentos cognitivos-funcionais, tencionamos descrever a semântica aspectual pela concepção cognitiva de metáfora de distância temporal a fim de encontrar uma forma que abranja todos os usos de qātal conforme descritos acima. Considerando a discussão acima, nosso alvo é argumentar que qātal como aspecto: (1) perfeito-anterioridade (HATAV, 1997); (2) perfectivo (LONGACRE E BOWLING) e (3) perfeito: eventos anteriores, perfectivo passado, perfeito (MERWE ET AL, 2015) pode ser explicado pela noção de metáfora temporal de distância fundamentada em outra metáfora, a espacial.

2 - PROPOSTA COGNITIVO-FUNCIONAL

As concepções sobre aspecto verbal, como afirmamos, estão localizadas na metafunção ideacional (referencial) primariamente. Em algumas abordagens, há uma ênfase na perspectiva textual; em outras, um tratamento sob o viés interacional (interpessoal). Propõe-se aqui um tratamento que explique os três usos funcionais: ideacional, interpessoal e textual. O modelo adotado segue a Linguística Sistêmico-Funcional como adaptada por Fleischman (1989) orientado por um viés cognitivo. Embora LSF e Cognição partam de alguns pressupostos em comum, cada abordagem tem suas próprias pressuposições epistemológicas, metodologias e objetos de estudo. Ainda assim é possível observar tentativas de interação entre essas duas vertentes como se nota nos trabalhos de Lemmens (1998) Heyvaert (2003), Laffut (2006), Vandelanotte (2009). Langacker mesmo afirma que sua abordagem cognitiva é funcional. Em suas palavras, “uma visão sistêmica da linguagem nunca foi abolida da gramática cognitiva” (LANGACKER, 2009, p. 223). Um tratamento cognitivo funcional entende que a função motiva a estrutura gramatical consoante afirma Langacker (2009), o que contribui na análise para compreender os usos do qātal predominantes em certos tipos de discurso. Seguindo um modelo cognitivo-funcional, o significado é categorizado como metafunção ideacional (referencial), interpessoal (interacional) e textual (discursivo). O ideacional é a representação da experiência do indivíduo. O interpessoal é a interação entre os participantes do discurso. Por fim, o textual é a organização das duas primeiras metafunções no texto dando coesão e coerência a esse: o aspecto qātal, por esse sistema, é assim esquematizado: aspecto perfectivo, ideacionalmente, representa a forma do

escritor/falante representar a experiência do evento em termos de perspectiva sumária da ação. Na função interpessoal, é usado para sinalizar distanciamento em relação a fala, o que produz polidez, atenuação do conteúdo. E, textualmente, é usado para introduzir ou concluir o discurso bem como o *qātal* organizar o texto como nos tipos de discurso *qinah* (lamentação) e *riyb* (acusação).

2.1 - Qātal como função ideacional: metáfora de distância temporal

No que concerne ao seu uso ideacional, o *qātal* serve para representar a experiência do falante/escritor quanto ao evento de forma a descrever a ação como perfectiva, o que significa dizer que sua perspectiva do evento é vista temporalmente como que tendo ocorrido no passado. No HB, é possível fazer a distinção entre o tempo da escrita do texto e o tempo dos acontecimentos narrados. Exemplo disso é o caso do livro de Gênesis. Assumindo Moisés como o autor, é possível perceber que ele não descreveu os eventos estando presente, mas estando em um momento posterior aos eventos. Ademais, ainda que um autor escreva no mesmo contexto de situação do evento, ainda assim o registro no discurso não se dá exatamente no momento em que o evento acontece[u]. Essa distinção entre o tempo da escrita e o tempo dos acontecimentos pode ser ratificada pelas seguintes palavras:

No entanto, uma situação que ocorre ‘não-agora’ e ‘não-aqui’, ou seja, distanciando-se do tempo e do local do enunciado, não pode ser atestada pelo falante da mesma forma: não é experimentada como atualidade e a realidade ‘agora’, nem o falante a representa como tal em sua expressão. É, portanto, razoável ver o movimento da proximidade espacial e temporal para uma proximidade conceitual e cognitiva mais ampla e mais abstrata (atualidade / realidade) e, similarmente, da distância espacial e temporal para uma distância conceitual e cognitiva mais abstrata (não-realidade / não realidade) (FLEISCHMAN, 1989, p.2).

Em outras palavras, as formas linguísticas são expressões de estruturas pré-conceituais abstratas como espaço e tempo. Como Lakoff e Johnson salientam, existem estruturas anteriores ao pensamento e à língua como:

(A) Estrutura de nível básico: As categorias de nível básico são definidas pela convergência de nossa percepção gestáltica, nossa capacidade de movimentação corporal e nossa capacidade de formar imagens mentais ricas e
 (B) Estrutura esquemática de imagem cinestésica: os esquemas imagéticos são estruturas relativamente simples que constantemente recorrem em nossa experiência corporal cotidiana: RECIPIENTES, CAMINHOS, LINHAS, FORÇAS, EQUILÍBRIO, e em várias orientações e relações: CIMA-BAIXO, FRENTE-TRÁS, PARTE-TODO, CENTRO-PERIFERIA, etc (LAKOFF E JONSON, 1986, p.267).

Essa visão é chamada de realismo corporificado, que entende que a construção do significado tem como base a corporificação da mente e sua atuação no mundo. Nesse sentido, a dicotomia mente/corpo é recusada. De modo similar, o filósofo Dooyeweerd (2015) categoriza a estrutura da realidade em duas: (1) os seus modos de ser como espaço, tempo, movimento e (2) a estrutura da realidade concreta ou vista em sua totalidade em que os vários modos de ser da realidade se apresentam simultaneamente (DOOYEWEERD, 2015). Conforme afirmam Lakoff e Johnson (2003), as metáforas são parte da vida ordinária e compõem a base do nosso sistema conceptual, sendo este fundamentalmente metafórico por natureza. A distância empírica do escritor para o evento é metaforizada pela gramática a partir dos recursos que esta fornece ao falante/escritor. Como é dito abaixo,

A distância do ‘agora’ do falante ao longo de um eixo temporal é metaforicamente convertida em distância conceitualizada em termos de outras noções gramaticais e pragmáticas que as línguas consideram apropriado marcar. Além disso, a natureza escalar da distância temporal, isto é, o fato de as línguas frequentemente gramatizarem graus de afastamento no passado e / ou no tempo futuro, torna este conceito um veículo metafórico particularmente oportuno para a expressão de outras noções linguísticas que são melhor descritas em termos de um grau ou uma gradiência, em vez de em termos binários simples (FLEISCHMAN, 1989, p.3).

Isso significa dizer que as expressões linguísticas, quer para expressar proximidade quer distância, explicam as estruturas pré-conceituais da realidade. Um escritor não está no tempo do acontecimento, uma vez que esse já ocorreu. Nem pode se localizar no evento futuro por esse não ter acontecido. Logo, o escritor/falante, se orienta a partir da sua posição e a representa pela linguagem.

2.2 - Qātal como função interpessoal: distância social

Esse distanciamento temporal provoca efeito de distanciamento social produzindo textos polidos ou mesmo o não comprometimento com o conteúdo de uma proposição (FLEISCHMAN, 1989). Em outras palavras, a metaforização espaço-temporal nos itens linguísticos contribui para a construção do significado interpessoal: distanciamento, ou proximidade, na língua pode ser usado para representar o posicionamento de alguém, o que significa dizer, como a pessoa avalia algo. Parece-nos que a noção de metáfora temporal pode ajudar a compreender as formas aspectuais no hebraico como *wyiqṭōl*, *weqātal*, *yiqṭōl* em termos de gradiência, categoria usada tanto

por estudiosos da cognição quanto do funcionalismo. Tendo em vista nosso alvo, determos-emos ao qātal somente.

Como afirma Givón (1989), existe uma correlação em muitas línguas entre a pressuposição e aspecto perfeito (anterioridade). Outrossim, o aspecto perfeito/passado está relacionado a *realis*, isto é, uma afirmação fortemente assertada (GIVÓN, 1989). Esse fenômeno de *realis* pode ser observado a partir de escalas de evidencialidade como (1) força da fonte: (a) experiência sensorial direta; (b) inferência advinda de experiência sensorial direta; (c) inferência indireta; (2) evidência sensorial: (a) experiência visual, auditiva ou qualquer outra experiência sensorial; (3) participantes em eventos; (4) proximidade espacial e (5) proximidade temporal (GIVÓN, 1989). Como ainda destaca Givón (1989), a distinção entre presente-progressivo e passado acontece porque o primeiro está isento de um marcador de evidencialidade, ao passo que o segundo requer um marcador de evidencialidade. A razão para isso é que a noção de representação do passado assume que o enunciador não necessariamente esteve no evento, que é algo distante da perspectiva do falante/escritor. Dito de outra forma, o aspecto perfeito é usado para metaforizar uma distância temporal.

Joosten (2012) considera que o qātal pode ser usada como *irrealis* por causa de fatores pragmático-contextuais. Parece-nos que essa transição do qātal entre *realis* e *irrealis* pode ser explicada pela visão pragmática assinalada por Givón (1989) em que não há uma categorização rígida de um item linguístico. Antes, pode haver uma forma de gradiência ao ponto de qātal caminhar entre *realis* e *irrealis*. Assim os usos em termos de graus são esclarecidos pela a metáfora de distanciamento temporal que qātal expressa.

O qātal é usado predominantemente nos tipos de texto acusação (*riyb*) e lamentação (*qinah*), conforme Longacre e Bowling (2015). Parece-nos que no tipo de texto *qinah* a ideia de lamento está fundamentada na metáfora temporal gramaticalizada pelo aspecto qātal. A noção de lamento faz parte da metafunção interacional: um produto realizado para influenciar o leitor. Fleischman (1989) afirma que, no francês, um dos usos do passado é atenuativo. No que concerne ao qātal, sua função ideacional aspectual entendida como perfeito produz efeito de remotividade (distanciamento), o que pode ser observado nas palavras abaixo:

No discurso, QATAL geralmente representa uma ação como tendo ocorrido antes do momento da fala. Essa definição aparentemente simples pode ser puxada em duas direções. Anterioridade implica distância temporal. Se esta implicação for ressaltada, o QATAL irá se referir à ação passada (perfeito). Mas a anterioridade também implica relação. O sublinhado dessa qualidade

leva a que a QATAL expresse um estado relevante para o momento da fala. A maioria dos usos do QATAL estão situados entre esses dois polos (JOOSTEN, 2012, p.193).

De acordo com Joüon e Muraoka (2006), com verbos ativos, qatal é usado para indicar passado recente ou remoto ou mesmo um passado precedendo a um momento no passado (mais-que-perfeito). A que serve, pois, essa escolha de remotividade, funcionalmente falando? Ao nosso ver, partindo de uma proposta cognitivo-funcional, o alvo é a comunicação, o que serve à função interpessoal quando da interação com as demais funções (metafunções). Colocando de outra maneira, serve para expressar a atitude do falante/escritor. Como afirma Joosten (2012), o qātal expressa anterioridade não quanto ao tempo da história, mas em relação ao narrador. Além disso, esse aspecto pode ser usado como avaliador por parte do escritor (JOOSTEN, 2012).

2.3 - Qātal como função textual: organização delimitadora do discurso

No que concerne à função textual, partimos da noção que, para entender o significado de um texto, é necessário compreender: (1) sua estrutura (NICCACCI, 1994) e (2) os usos das formas verbais nos textos (LONGACRE E BOWLING, 2015). Longacre e Bowling (2015), tentando explicar as formas verbais no hebraico bíblico, o fazem por meio do estudo em cada gênero discursivo. Assim eles caracterizam certo tipo de texto com determinada forma verbal. Por exemplo, o *yiqtōl* é usado fundamentalmente como estrutura do tipo de texto que eles chamam de “p” complexos: preditivo, procedimento e instrucional. Por sua vez, o *qātal* é usado nos gêneros discursivos *riyb* (acusação/queixa), cujo tema pode ser a queixa de Deus contra o povo ou a queixa dos homens ante Deus, e *qinah* (lamento). No primeiro tipo de texto, cujo tema é a queixa divina contra os homens, evoca-se uma corte para fazer a queixa, havendo duas variedades desse discurso. Deus convoca o povo a uma prestação de contas. Ainda quanto a esse texto, o uso de *qātal* é usado com intenção, aparentemente, segundo Longacre e Bowling (2015), de apresentar alguma referência temporal pretérita. Uma possível estrutura é denúncia, chamado a testemunhar com personagens inanimados e argumentação da acusação. Segue um exemplo extraído desses dois autores de Isaías 1.1-3:

(2)⁷ וְזֶן יִשְׁעֵיהוּ בְּ-אֲמוֹץ אֲשֶׁר חָזָה עַל-יְהוּדָה וְיְרוּשָׁלַם בְּיַמֵּי עֲזַרְיָהוּ יוֹתֵם אָחֲזִי חִזְקִיָּהוּ מֶלֶךְ יְהוּדָה:
 שָׁמְעוּ שְׁמַיִם וְהֶאֱזִינִי אֲרָץ כִּי יְהוָה דִּבֶּר בְּנִיִּם גְּדֹלְתִי וְרוֹמְמֹתַי וְהֵם פָּשְׁעוּ בִּי:
 יָדַע שׁוֹר קִנְיָהוּ וְחִמּוֹר אָבוֹס בְּעֵלְיוֹ יִשְׂרָאֵל לֹא יָדַע עִמִּי לֹא הִתְבּוֹנֵן:

Conforme analisam Longacre e Bowling (2015), a estrutura desse texto é marcada pelos usos de qātal. Na perspectiva da linguística de texto, a compreensão do significado dá-se não somente quanto a “o que” mas também e, principalmente, quanto ao “como” se fala. Desta feita, qual seria, portanto, a relação semântico-pragmática que faz relacionar o aspecto qātal com esse tipo determinado de texto? Sugerimos que nossa explicação do qātal como metáfora temporal de distanciamento ajuda a explicar a relação entre gramática e texto. A configuração de significado como queixa/acusação da parte de Deus são efeitos pragmáticos ou resultados da semântica aspectual (mas não somente). O conceito esquemático de distanciamento se expressa concretamente no texto pelo discurso de acusação. Nesse sentido a relação semântica e pragmática é de um contínuo e não de um contraste ou oposição, cognitivamente falando.

No segundo, o povo de Deus está se queixando contra Deus. Neste tipo de discurso voltado contra Deus, o uso do qātal é usado para trazer tom de suavização, certa polidez como sugerimos. Como afirma Fleischman (1989), o passado é usado para indicar polidez em algumas línguas. Isso nos sugere que a semântica do qātal explicada pela metáfora de distanciamento temporal talvez precise ser vista não por uma relação ou isso ou aquilo: uma relação binária em que um elemento exclui o outro. Givón (1989) critica esse tipo de abordagem propondo uma visão cognitivo-pragmática fundamentada na noção de gradiência a partir do método abduutivo, o que significa dizer proceder por hipótese ou intuição por meio de analogia (GIVÓN, 1989). Esse modelo nos parece ser mais razoável para compreender, portanto, o uso de qātal nos dois tipos de discurso, *riyb* e *qinah*, pois, embora estes sejam diferentes entre si no que concerne ao seu conteúdo temático, possuem a mesma estrutura textual tendo em vista a mesma forma aspectual.

O Salmo 44 é um modelo de *riyb* cujo tema é a “acusação” do povo a Deus. De acordo com Longacre e Bowling (2015), as estrofes nos versos 10-23 constituem o tipo de texto de queixa da parte do salmista. A explicação para o uso aspectual no passado é

⁷ (2) v.1: Visão que Isaías, filho de Amós, que teve (qātal) a respeito de Judá e Jerusalém nos dias de Uzias, Acáz, Ezequias, reis de Judá. v.2: Prestai atenção, céus, e ouvi, terra, porque o SENHOR falou (qātal): criei (qātal) filhos e os tornei grandes, e eles se rebelaram (qātal) contra mim. v.3: Conhece[u] (qātal) o boi o seu possuidor, e o jumento, a manjedoura do seu senhor. Israel não me conhece[u] (qātal); não tem havido discernimento (qātal) no meu povo (tradução minha).

que a noção de metáfora de distanciamento temporal produz um efeito de sentido de polidez. O salmista se queixa ante o SENHOR por esse realizar atos de castigo contra o povo. Não obstante, tendo em vista que o direcionamento da queixa é contra o Todo-Poderoso, há certa deferência, respeito para com esse. Assim o uso de qātal, por indicar distanciamento, traz consigo noção de polidez, o que dá plausibilidade para entender o qātal como metáfora temporal de distanciamento. Um problema com esse texto que Longacre e Bowling não tratam é que na primeira estrofe (versos 1-9) há uso do qātal também. Eles não explicam o motivo desse uso do aspecto. Como informam, nessa primeira estrofe, o escritor expressa confiança em Deus fundamentada nas misericórdias passadas do Senhor. Segue o texto traduzido:

(3) v.1 [v.2TM⁸]: Senhor, com nossos ouvidos ouvimos (qātal) o que nossos pais nos contaram (qātal): as obras que realizaste (qātal) nos tempos antigos.

v.2 [v.3TM]: Tu, com tuas mãos, possuíste (qātal) as nações, e plantaste-nos (waw cons); mal aos povos [trouxeste] e os expulsou (waw cons).

v.3 [v. 4TM]: Porque com suas espadas, não possuíram (qātal) a terra; e seus braços não os salvaram (qātal), pois [foi⁹] a tua destra e tua força e luz da tua face, pois te agradaste deles (qātal).

v.4 [v.5TM]: tu és meu Deus e Senhor; ordena a (imperativo) tua salvação a Jacó.

v.5 [v. 6TM]: Por teu arco é que vencemos (yiqṭōl); no teu nome, é que pisamos (yiqṭōl) os que se levantam contra nós (participio).

v.6 [v. 7TM]: No meu arco, não confio (yiqṭōl), e, na minha espada, nos salvamos (yiqṭōl).

v.7 [v.8TM]: Porque tu deste (qātal) vitória sobre nossos inimigos, e os que nos odeiam (part), os humilhaste (qātal).

v.8 [v.9TM]: No Senhor nos gloriamos (qātal) todos os dias; e teu nome, para sempre, confessaremos (yiqṭōl).

É possível explicar o uso de qātal como metáfora temporal de distanciamento, que relata o discurso alheio. A fonte da informação seria outra testemunha. Conforme Givón (1989), o aspecto passado/perfeito é usado para expressa realis, isto é, alta certeza subjetiva quanto ao conteúdo da proposição, embora a fonte da evidência possa se dar pela experiência expressa por outros, o que ele chama de *hearsay* (“ouvir dizer”). Por sua vez, o yiqṭōl seria usado para expressar a confiança por meio do comprometimento do salmista como se nota nos versos 6-9. O yiqṭōl é usado para indicar comprometimento/envolvimento em relação ao testemunho transmitido. A base da confiança é o testemunho passado, por essa razão o uso do qātal. É esse aspecto que

⁸ Texto massorético. Tradução nossa.

⁹ Colchetes indicam que esse verbo não contém no TM.

expressa a descrição das misericórdias passadas do Senhor. Seguem-se os versos que são o discurso *riyb* em hebraico seguidos de minha tradução.

(4)¹⁰ אִף־זַנְחַת וַתְּכַלְמֵנוּ וְלֹא־תָצֵא בְּצַבָּאוֹתֵינוּ:
 תְּשִׁיבֵנוּ אַחֲזֹר מִי־צָר וּמִשְׁנֹאֵינוּ שָׁסוּ לָמוֹ:
 תִּתְּנֵנוּ כְּצֹאן מֵאֶקֶל וּבְגוֹיִם זָרִיתָנוּ:
 תִּמְזַר־עַמְּךָ בְּלֹא־הוֹן וְלֹא־רְבִית בְּמַחֲרִירֶיהֶם:
 תְּשִׁימֵנוּ חֲרָפָה לְשִׁכְנֵינוּ לְעַג לְקֹלֶס לִסְבִּיבוֹתֵינוּ:
 תְּשִׁימֵנוּ מִשָּׁל בְּגוֹיִם מְנוּד־רָאשׁ בְּל־אֲמִים:
 כָּל־הַיּוֹם כָּל־מַתִּי נִגְדִי וּבִשְׁתַּ פְּנֵי כֹסֶתְנִי:
 מִקּוֹל מַחֲרָף וּמִגְדָּף מִפְּנֵי אוֹיֵב וּמִתְנַקֵּם:
 כָּל־זֹאת בְּאֵתָנוּ וְלֹא שָׁכַחְנוּךָ וְלֹא־שָׁקְרָנוּ בְּבְרִיתְךָ:
 לֹא־נִסּוּג אַחֲזֹר לִבֵּנוּ וַתֵּט אֲשֵׁרֵינוּ מִנִּי אֲרָחֶךָ:
 כִּי דָכִיתָנוּ בְּמִקּוֹם תְּנִים וַתִּכַּס עֲלֵינוּ בְּצַלְמֹת:
 אִם־שָׁכַחְנוּ שֵׁם אֱלֹהֵינוּ וּנְפָרֵשׁ לְפָיֵנוּ לְאֵל זָר:
 הֲלֹא אֱלֹהִים יִחַקֲר־זֹאת כִּי־הוּא יִדַּע תַּעֲלָמוֹת לֵב:
 כִּי־עָלִיךָ הִרְגָנוּ כָּל־הַיּוֹם לְחִשְׁבָנוּ כְּצֹאן טָבָח

Os verbos no *qātal* estruturam o texto sendo desenvolvidos por verbos no *yiqtōl*, cuja função interacional (interpessoal) parece ser a de suavizar ainda mais o tom de queixa expressando o desejo do salmista. Por essa razão é possível ver seu uso associado a uma condicional no verso 20. Um dos usos do *qātal* é contrafactual (LONGACRE E BOWLING, 2017; JOOSTEN, 2012). No verso 20 (v. 21 TM) é um exemplo do uso contrafactual do perfeito. Em ambos os tipos de discurso *riyb* existe uma avaliação negativa consoante Longacre e Bowling (2015). Coadunando com isso, tem-se as considerações sobre a avaliação/avaliatividade nos textos como destacados por estudioso na Linguística Sistemico-Funcional (LSF). A avaliação, na LSF, envolve: (1) expressar a opinião do falante/escritor, o que expressa seus valores; (2) construção/manutenção de

¹⁰ (4) v.9 [v. 10TM]: Certamente, nos rejeitaste (*qātal*) e nos humilhaste (*waw cons*) e não tens saído (*yiqtōl*) com nossos exércitos. v.10 [v.11TM]: Tens nos feito retroceder (*yiqtōl*) ante o inimigo, e os que nos odeiam (*part*) nos despojaram (*qātal*). v.11 [v.12TM]: Tens nos deixado (*yiqtōl*) como ovelhas para matança e nos espalhaste (*qātal*) pelas nações. v.12 [v.13TM]: Tens vendido (*yiqtōl*) teu povo por coisa de somenos e não aumentaste (*qātal*) o teu preço. v.13 [v.14TM]: Tens nos colocado (*yiqtōl*) como humilhação aos nossos vizinhos para zombaria e escárnio da parte dos que nos rodeiam. v.14 [v.15TM]: Tens nos colocado (*yiqtōl*) como provérbio entre os povos; meneiam a cabeças as nações. v.15 [v.16TM]: todos os dias de insultos diante de mim, e, em vergonha, encontra-se (*qātal*) minha face. v.16 [v.17TM]: Da voz de quem me afronta (*participio*) e zomba (*participio*); diante de mim os meus inimigos e os que se iram contra mim (*participio*). v.17 [v.18TM]: Tudo isso veio (*qātal*) sobre mim, [embora] não tenhamos chegado a esquecer de ti (*qātal*), nem sido falsos contra ti (*qātal*). v.18 [v.19TM]: Nem chegou a retroceder (*qātal*) nosso coração nem se desviaram (*waw cons*) nossos caminhos das tuas veredas. v.19 [v.20TM]: Vieste a nos quebrar (*qātal*) e a nos cobrir de trevas (*waw cons*). v.20 [v.21TM]: Se esquecêssemos do nome do nosso Deus (*qātal*), ou estendêssemos (*yiqtōl*) nossas mãos para deus estranho, v.21 [v.22TM]: Não saberia (*yiqtōl*) nosso Deus isso, aquele que é conhecedor (*part*) dos segredos do coração? v.22 [v.23TM]: Por causa de ti, somos mortos (*participio perfeito*) todos os dias, e somos tidos (*qātal*) como ovelhas para matadouro. v.23 [v.24 TM]: Levanta! Por que tens dormido (*yiqtōl*), Senhor? Acorda e venhas a nos rejeitar (*yiqtōl*).

relação entre os participantes escritor/leitor e falante/ouvinte e (3) organização textual (HUNSTON E THOMPSON, 2001). A avaliação pode ser conceituada, como o fazem Hunston e Thompson (2001), bem como pode ser expressa na gramática, segundo destaca Stubbs (1986): (1) com as escolhas de aspecto progressivo; (2) indicação de remotividade por meio de tempo pretérito. Pelas considerações de Longacre e Bowling (2017) e as de Hunston e Thompson (2001) bem como as de Stubbs (1986) acima, é possível constatar o qātal, predominantemente, nos tipos de texto *riyb* e *qinah*, que são fundamentalmente discursos de avaliação negativa. Logo, é plausível que essa avaliação seja em decorrência dos usos do aspecto perfeito. Desta feita, é plausível que o aspecto contribua com sua semântica para causar o efeito de queixa/acusação e lamento em virtude de estar fundamentado em uma metáfora temporal de distanciamento.

O modelo funcionalista, segundo afirma Abreu (2013), explica os empregos metafóricos das formas verbais: polidez, atenuação e mais dramaticidade a eventos passados. Esses efeitos de sentido são explicados cognitivamente. Como destaca Abreu (2017, p.53), para perspectiva textual de Weinrich (1964): “os tempos do passado usados para momentos presentes funcionam como marcadores de atenuação e que os tempos do presente usados para momentos passados funcionam como geradores de um efeito de realidade”. No modelo da Linguística textual, os tempos do passado e os do presente/futuro são dizem respeito ao modelo proposto por Weinrich (1964), sendo o mundo narrado com verbos no pretérito e o mundo comentado com verbos no presente ou futuro. No hebraico, Niccacci (1990) adota esse modelo. No mundo narrativo, há *wayyitōl* e *waw-x-qātal*; no mundo comentado, as formas volitivas, orações nominais, *x-yiqtōl*, *x-qātal* e *weqātal* (NICCACCI, 1990). Abreu (2013) explica a partir da proposta cognitivista da integração conceptual (*blending*) de Fauconnier. Consoante Abreu (2013), o futuro do pretérito no português brasileiro é usado como marca de atenuação ou de não comprometimento, sendo, portanto, um uso de metáfora temporal. A metáfora ocorre a partir da integração conceptual entre dois espaços mentais. No exemplo “minha mãe é uma rocha” ocorre que os elementos como inanimado e mineral são desintegrados ou desabilitados, sendo salientado apenas a ideia de forte. Um outro princípio por traz disso é o da adaptação na linguagem. De modo similar é com pronomes demonstrativos: acontece uma adaptação da indicação de espaço para a função anafórica substituindo a referência dêitica. Desta feita o traço espacial é desabilitado. O princípio que subjaz isso é o processo Gestalt: tendemos a salientar alguns elementos no lugar de outros

(desabilitação). O elemento destacado é chamado de figura; já o elemento base para a figura é o de fundo (ABREU, 2013).

O que ocorre com *qātal* usado como tempo passado é isso: seu aspecto perfectivo de apresentar um evento em perspectiva como completa ou sumária serve de fundo para a temporalidade que é salientada. Dito de outra forma, o que fundamenta a metáfora temporal de distanciamento é outra metáfora: espacial. Como é afirmado:

O conceito de ‘distância temporal’ é, naturalmente, já uma extensão metafórica de um conceito espacial de primeira ordem. É agora um lugar comum na literatura lingüística, que não precisa ser elaborada aqui, que as expressões espaciais fornecem os modelos, os conceitos primários, para muitas de nossas expressões de temporalidade (FLEISCHMAN, 1989, p.39).

Assim, pois, uma proposta de aspecto *qātal* pelo viés cognitivo-funcional dar-se-ia da seguinte forma. Significado referencial é a representação da experiência do falante/escritor sobre determinado evento em termos de distanciamento. Significado interpessoal é a expressão da interação entre participantes tendo como efeitos de sentido polidez (*riyb*) e desprezo (*qinah*) e não comprometimento. Por fim, significado textual é a sumarização, o que contribui para a organização do texto.

O próximo tipo de texto analisado é o discurso de lamentação. Nesse tipo de texto, como destacam Longacre e Bowling (2015), o falante/escritor apresenta-se como alguém que se solidariza pelo objeto do lamento, o qual é o motivo do lamento. No que concerne ao significado interpessoal ainda, é essa simpatia que distingue *qinah* de *riyb*.

(5) מִשָּׂא מוֹאֵב כִּי בָלִיל שָׂדֵד עַר מוֹאֵב נִדְמָה כִּי בָלִיל שָׂדֵד קִיר-מוֹאֵב נִדְמָה:
עַל הַבַּיִת וְדִבְרָן הַבְּמֹת לְבָכִי עַל-נֹבָוָה וְעַל מִידְבָּא מוֹאֵב יִלִּיל בְּכָל-רֵאשִׁיו קְרָחָה כָּל-זָקֵן גְּרוּעָה:
בְּחֻצוֹתָיו חָגְרוּ שֶׁקַּעַל גְּלוּתֶיהָ וּבְרַחֲבֹתֶיהָ כָּל הַיִּלִּיל יֵרֵד בְּבָכִי:

¹¹ (5) [v.1TM]: Oráculo de Moabe. Numa noite foi devastada [qātal] Ar de Moabe: foi destruída [qātal], porque numa noite foi devastada [qātal] Kir de Moabe: foi destruída [qātal]. [v.2 TM]: Subiu [qātal] ao seu templo Dibom: ao seu lugar alto para lamentação. Sobre Nebo e Medeba, Moabe uiva [yiqṭōl]. Todas as cabeças calvas; toda barba sendo raspada [particípio passivo]. [v.3 TM]: Nas ruas da praça vestiram-se [qātal] de pano de saco. Nos topos e nas praças, todos uivam [yiqṭōl] e descendo [particípio] com choros. [v.4 TM]: E clamam [waw consc] Hebrom e Eleale até Jaaz. As suas vozes foram ouvidas [qātal]. Assim [Marcador Discursivo] os armados de Moabe gritam [yiqṭōl], e a sua alma tremeu [qātal] dentro dele. [v.5 TM]: O meu coração por Moabe clama [yiqṭōl]. Os fugitivos até Zoar como novilha de três anos. Porque na subida de Luíte com lamento sobem [yiqṭōl]. Porque no caminho de Horonaim, com choro, levantam lamento [yiqṭōl]. [v.6 TM]: Porque as águas de Ninrim tornam-se [yiqṭōl] devastação. Porque secou [qātal] o pasto, e acabou [qātal] a erva, e verde deixou de existir [qātal]. [v.7 TM]: Assim a abundância ajunta-se [qātal]; e a sua estocagem até o riacho do salgueiro levam [yiqṭōl]. [v.8 TM]: Porque rodeia [qātal] o pranto nos arredores de Moabe; até Eglaim seu uivo, e até Beer-Elim, seu clamor. [v.9 TM]: Porque as águas de Dimom ficaram cheias [qātal] de sangue, porque coloco sobre Dimon e acrescento-lhe: contra os que escapam de Moabe leões e contra os que escapam da terra.

וַתִּזְעַק בְּחִבּוֹן וְאֶלְעֵלָה עַד־יְהִי נִשְׁמַע קוֹלָם עַל־כֵּן חֲלָצִי מוֹאֵב יִרְעוּ נַפְשׁוֹ יִרְעָה לוֹ: לְבִי לְמוֹאֵב
 יִזְעַק בְּרִיחָה עַד־צָעַר עֲגָלַת שְׁלִשִׁיהָ כִּי מַעֲלָה הַלְוִיִּית בְּכִלִּי יַעֲלֶה־בּוֹ כִּי דָרָה חוֹרָזִים זַעֲקַת־שִׁבְר
 יַעֲרֹ:

כִּי־מִי נִמְרִים מִשְׁמֹת יִהְיוּ כִּי־יִבֹשׁ חֲצִיר כָּלָה דָּשָׂא יִרַק לֹא הִיָּה:

עַל־כֵּן יִתְרָה עֲשָׂה וּפְקַדְתָּם עַל גַּחַל הָעֲרָבִים יִשְׂאוּם:

כִּי הִקִּיפָה הַזַּעֲקָה אֶת־גְּבוּל מוֹאֵב עַד־אֲגָלִים יִלְלֶתָהּ וּבְאֵר אֵילִים יִלְלֶתָהּ:

כִּי מִי דִימוֹן מְלֹאוֹ דָם כִּי־אֲשִׁית עַל־דִּימוֹן נוֹסְפוֹת לְפָלִיטַת מוֹאֵב אֲרִיָּה וְלִשְׂאֲרִית אֲדָמָה:

Em relação aos usos de qātal nesse lamento a favor de Moabe, Longacre e Bowling (2015, p.420) declaram o que se segue:

Neste uso do qtl, o aspecto perfectivo é anterior à ordem da ocorrência não no sentido de que Moabe foi destruído nem que certamente será destruído; mas isso da perspectiva divina é simplesmente um *fait accompli*. O qtl, e outras formas não-perfeitivas, são usados para descrever a tristeza, o choro e o fuga concomitantes. Semanticamente, com sua função de pronúncia de condenação, as formas de qtl dominam assim as formas yqtl. No entanto, neste e em outros exemplos, o qtl não é necessariamente estatisticamente dominante

Esse uso seria a função de anterioridade como descrita por Hatav (1997). Como o excerto acima demonstra, a temporalidade não é da perspectiva objetiva, i.e, os fatos per si; antes, da concepção do escritor sobre o evento. Da perspectiva do falante, é algo como já consumado.

Embora seja possível usar qualquer um dos aspectos, qātal ou yiqṭōl, a diferença semântica entre ambos é que o primeiro indica distanciamento ao passo que o primeiro indica proximidade. É como se o qātal estivesse descrevendo o lamento enquanto que o yiqṭōl é usado para expressar o comprometimento do escritor ante o sofrimento. No que concerne ao significado interpessoal, o yiqṭōl expressa a solidariedade ante ao objeto de lamento; o qātal expressa a atenuação desse sofrimento. No plano do discurso, o qātal organiza a estrutura textual ao passo que o yiqṭōl serve para fazer avaliação (cf. HUNSTON E THOMPSON, 2001).

Voltando a falar do significado ideacional (referencial), aspecto é perspectiva que gramaticaliza a escolha subjetiva do falante/escritor. Ademais, é o indivíduo que se torna a referência a fim de localizar a temporalidade. Imprimir perspectiva é expressar onde e quando está situado um evento. Isso porque tendemos a ser egoístas. O que subjaz a noção de distanciamento, portanto, é a premissa egocentricidade na linguagem: “As pessoas tendem a falar sobre si mesmas e sobre as coisas diretamente relevantes para elas: objetos, eventos e outras pessoas em seus mundos imediatos” (FLEISCHMAN, 1989, p.3,4). Ainda a esse respeito, temos:

Nós nos consideramos como estando no centro do universo, e tudo ao nosso redor é visto do nosso ponto de vista. Essa visão egocêntrica do mundo também se revela nosso uso da linguagem. Ao falarmos, nossa posição no espaço e no tempo serve como ponto de referência para a localização de outras entidades no espaço e no tempo. O lugar onde estamos é chamado de aqui, e o tempo em que falamos é agora” (DIRVEN E VERSPOOR, 2004 p.5).

Uma das formas que o hebraico expressa essa premissa é pelo aspecto verbal: a relação entre escritor/falante e evento é subjetiva no sentido de que aquele não tenciona descrever um evento como objetivo, ou seja, uma representação da ocorrência de uma ação no presente, passado ou futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos argumentar por um viés cognitivo-funcional que a explicação do qātal como metáfora de distância temporal ajuda a explicar os usos desse aspecto quanto a seu significado ideacional (aspecto perfectivo/pretérito), significado interpessoal (usos modais e polidez) e significado textual (nos tipos de texto *riyb* e *qinah*) com delimitação da estrutura textual.

Com base nos estudos cognitivo-funcionais, salientamos que o fundamento da metáfora de distância temporal está associado a outra metáfora, a espacial. Desta feita, destacamos que isso providencia oportunidade para mais pesquisas a respeito do sistema aspectual do hebraico.

REFERÊNCIAS:

ABREU, A. Integração conceptual na descrição de fenômenos gramaticais do português. *Alfa*, São Paulo, 57 (1): 229-256, 2013.

BHAT, D. **The Prominence of Tense, Aspect and Mood**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1999.

BAKKER, E. **Verbal Aspect and Mimetic Description in Thucydides**. In: BAKKER, E. (Org.) *Grammar as Interpretation: Greek Literature in its Linguistic Contexts*. Amsterdam: BRILL, 1997.

DAHL, O. **Tense and Aspect Systems**. Oxford: Basil Blackwell, 1985.

DIRVEN, René; VERSPOOR, Marjolijn. **Cognitive Exploration of Language and Linguistics**. 2 ed. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

FLEISCHMAN, S. **Temporal distance**: A basic linguistic metaphor. *Studies in Language* 13: 1, 1-50. pp. John Benjamins Publishing Company, 1989.

FILLMORE, C. Epistemic Stance and Grammatical Form in English Conditional Sentences. **Chicago**: Papers from of the Twenty-Sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, 1990a.

_____. The Contribution of Linguistics to Language Understanding. In: BOCAZ, A (Org). **Santiago**: Proceedings of the First Symposium on Cognition, Language and Culture, 1990b.

GHENCTHÉVA, Z; DESCLÉS, J. Evidentiality et médiativité. (Texto não publicado sem página nem data).

GIVÓN, T. **Mind, Code and Context**: Essays in pragmatics. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.

HEYVAERT, L. **A Cognitive-Functional Approach to Nominalization in English**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

HUNSTON, S; THOMPSON, G. **Evaluation in Text**: Authorial Stance and the Constructions of Discourse. Oxford: Oxford University Press, 2001.

JUÖN, P; MURAOKA, T. **A Grammar of Biblical Hebrew**. Roma: Editrice Pontificio Intituto Biblico, 2006.

LEMMENS, M. **Lexical Perspective on Transitivity and Ergativity**: Causative Constructions in English. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

LANGACKER, R. **Investigations in Cognitive Grammar**. Berlin: De Gruyter, 2009.

LAFFUT, A. **Three-Participant Constructions in English**: A functional-cognitive approach to caused relations. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous things: what categories reveal about the mind**. Londres: University of Chicago Press, 1986.

LAKOFF, G; JONSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago, 2003.

LONGACRE, R; BOWLING, A. **Understanding Biblical Hebrew Verb Forms**: distribution and function across genres. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 2015.

MERWE, C; NAUDÉ, J; KROEZE, J. **A Biblical Hebrew Reference Grammar**. 2 ed. Londres: T&T Clark, 2017.

NICCACCI, A. **The syntax of the verb in classical Hebrew prose**. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 86. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990.

_____. **Analysis of Biblical Narrative**. In: BERGER, R (Org). Biblical Hebrew discourse and Discourse Linguistics. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1994.

SWEESTSER, E. **Mental Spaces and the Grammar of Conditional Constructions**. In: FAUCOONIER, G; SWEETSER, E. **Spaces Worlds and Grammar**. Chicago: University of Chicago, 1996.

STUBBS, M. **A matter of prolonged fieldwork**: towards a modal grammar of English. *Applied Linguistics* 7, 1:1-25.

VANDELANOTTE, L. **Speech and Thought Representation in English**: A Cognitive-Functional Approach. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

WEINRICH, H. Tempus. **Le funzioni dei tempi nel testo**. Bologna: Società editrice il Mulino, 1964.